

ANA MARIA MACHADO

Silenciosa algazarra

Reflexões sobre livros e práticas de leitura



Copyright © 2011 by Ana Maria Machado

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Fabio Uehara

Foto de capa

Biblioteca Duchess Anna Amalia, Alemanha (© Andreas Rentz/ Getty Images)

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Ana Maria.

Silenciosa algazarra : reflexões sobre livros e práticas de leituras; / Ana Maria Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1882-3

1. Leitores 2. Leituras 3. Literatura infantil 4. Literatura infanto-juvenil 5. Livros e leitura i. Título.

11-04664

CDD-028

Índice para catálogo sistemático:

1. Livros e leitura 028

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	7
A importância da leitura	11
Barrados no baile	28
Fronteiras: barreiras e travessias	46
Histórias em hospitais	58
Criação e crítica	67
Quando os livros conversam: presença de intertextualidades na literatura infantojuvenil contemporânea	87
Literatura e patrimônio: um depoimento pessoal	101
Pressões e expressão	108
Contador que conta um conto faz contato em algum ponto	117
Quem tem medo do medo alheio?	175
Nas asas da liberdade	195
Alguns equívocos sobre leitura	219
Independência, cidadania, literatura infantil	247
Fugindo de qualquer nota (<i>Algumas notas sobre ilustração brasileira de livros infantis</i>)	264
Diferentes e diferenças	278

A importância da leitura¹

João Ubaldo Ribeiro, um de nossos grandes romancistas, afirmou textualmente numa entrevista: “Deve-se ler porque é burrice não ler. Deve-se ler porque alguma estatística deve apontar que quem não lê é, em última análise, um burro. Não diria menos esperto, mas é mais burro do que quem não lê. E desfruta menos da vida”².

Estamos tão acostumados a uma permanente atitude paternalista que a afirmativa de João Ubaldo chega a ser chocante. Um absurdo. Como se ele estivesse esquecendo que somos um país de coitadinhos... E os pobres dos analfabetos, a quem nossa estrutura social e todas as mazelas econômicas negam a chance de desenvolver o conhecimento das letras? E a falta de escolas? E a má qualidade do ensino (quando há escolas)? E a fome? E os efeitos da secular história de escravidão? E o latifúndio, que priva as pessoas

¹ Texto apresentado no Encontro Nacional Crer para Ver, programa educativo da Natura em parceria com diversas entidades, São Paulo, novembro de 2008.

² Jornal *Rascunho*, Curitiba, outubro de 2008.

da posse da terra? Etc. etc. Mas que falta de solidariedade e compaixão! Que alienação! Como é que um sujeito miserável, doente, mal e mal sobrevivendo de restos que cata no lixo, morando embaixo de uma ponte com a família em espantosas condições de higiene, tiritando de frio, vai poder se dar ao luxo de desfrutar de uma atividade assim tão elitista como a leitura?

Evidentemente, é irônico e exagerado pintar um estereótipo tão extremado. Mas as reações a observações corajosas e francas, que lançam desafios, como a de João Ubaldo, costumam ser meio parecidas com essas. Afinal, dá menos trabalho repetir clichês, *slogans* e frases feitas, prontinhas, embrulhadas numa linguagem aceita por todos, amarradas com a fita do pensamento dominante, quase único. É simples e não exige nenhum esforço disparar rótulos e carimbos, em vez de pensar e analisar para ver até que ponto o romancista baiano pode ter alguma razão no que diz. Podia estar meio irritado para responder assim. Talvez... Mas será que não tem motivos para uma certa irritação com uma certa hipocrisia geral? Então proponho uma tentativa de relevar a irritação de João Ubaldo. Mais que isso, proponho uma correção. Em vez de atribuir o descaso com livros à burrice, vamos atribuí-lo à ignorância. E vamos começar a discussão do assunto com uma formulação mais amena: não ler é sinal de ignorância. E, para não trair completamente seu pensamento, temos de admitir que fugir da leitura ou questionar sua importância também se confunde um pouco com falta de inteligência. Até mesmo num círculo vicioso: quem não lê não desenvolve a própria inteligência e vive na ignorância. Então, nem desconfia de como é importante ler. E vai se mantendo cada vez mais ignorante, enquanto perde as oportunidades de crescer intelectualmente e estimular a expansão da própria inteligência. Um desperdício, tanto para quem já era muito inteligente mesmo sem ler como para quem não era.

Outra coisa: para começo de conversa, sinceramente, deve-

mos também admitir que ele não estava falando do indigente sem teto, debaixo do viaduto. Não é esse estereótipo que se tem em mente quando se fala em crise da leitura ou se pergunta a alguém por que se deve ler. Afinal, ninguém tem dúvida alguma sobre a importância da leitura entendida como capacidade de decodificar os sinais escritos e habilitar o cidadão a compreender aqueles signos, formar sílabas, reconhecer palavras, decifrar frases e conceitos. Não se questiona a importância da alfabetização para a cidadania. E, quando se levanta num debate a questão da importância da leitura, ninguém está pondo em dúvida a relevância de que se saiba ler para poder reconhecer numa placa o nome de uma rua, ou o itinerário de um ônibus, ou para poder ler o manual de instruções de uso ou montagem que acompanha um eletrodoméstico recém-adquirido. Essas utilidades imediatas e visíveis são devidamente valorizadas, até mesmo porque um empregado analfabeto é muito despreparado, passa a ser um obstáculo ao desenvolvimento dos projetos de patrões e poderosos. Então, saber ler para conseguir ser bem-mandado e cumprir melhor suas tarefas profissionais é amplamente incentivado. Ninguém tem dúvidas sobre a importância da leitura nesses casos.

É outra a leitura que tantas vezes parece não ter importância e que, por isso, tem sua significação questionada e debatida nas insistentes perguntas feitas por jornalistas em entrevistas a escritores ou pelas sugestões de tema dadas por organizadores de congressos e seminários. É a leitura de jornais, revistas, principalmente livros, a leitura daquilo que faz crescer. Tanto a leitura de informação aprofundada, que aumenta os conhecimentos, como a de literatura — sobretudo esta. Da primeira, é voz corrente dizer (com um ar superior e cheio de si, como se fosse verdade) que hoje em dia ela ficou inteiramente dispensável, substituída por meios de informação mais rápidos e eficientes, como a televisão ou a internet. Da literatura, desconfia-se porque se diz que ela é elitista,

um luxo, coisa de intelectual de óculos que não faz sucesso na hora de namorar, algo que não tem nada a ver com a vida das pessoas, toma tempo de atividades mais interessantes e outras bobagens no gênero.

O fato inegável é que não somos mesmo um país leitor, por mais vergonhoso que isso possa ser. Até porque fomos um país de escravos, essa, sim, a vergonha maior de todas.

Trata-se de muito mais do que mera coincidência. A alfabetização entre nós chegou muito tarde. Na imensa maioria das casas brasileiras, a capacidade de ler é conquista de uma ou duas gerações mais recentes. No máximo, três. Afinal de contas, apenas há pouquíssimo tempo conseguimos que 98% das crianças em idade escolar tivessem condições de acesso às salas de aula. E muitas vezes com uma qualidade de dar dó, somente um calendário fajuto construído em torno da hora da merenda, esses milhões de refeições servidas diariamente que, não sendo alimento para o espírito, não têm sua importância questionada por ninguém. Nenhum jornalista faz perguntas sobre a importância da comida. Nenhum congresso de especialistas em saúde se reúne para discutir se ainda faz sentido comer nos dias de hoje, quando a tecnologia já é capaz de inventar formas muito mais diretas e simples de alimentação — basta pensar nos *kits* que a NASA desenvolve para os astronautas. Então, felizmente, como a merenda escolar não precisa defender de público sua importância, pela boca de especialistas, ela não sofre ameaças. Assim, em torno a essas refeições, os alunos ficam mais umas três horas e meia no colégio — isto é, quando os professores não faltam e eles não são mandados para casa. E não vamos nem lembrar o número de feriados e a multiplicação de greves. Em outros países, os estudantes ficam na escola em torno a sete horas por dia... No fim de um ano, passaram lá, tendo aulas, o dobro do tempo de nossas crianças. O dobro de oportunidades de aprender e crescer. Não é de admirar que o aproveitamento dos

nossos alunos seja mais baixo no fim do mesmo número de anos de estudo.

Mas voltemos aos livros. Os ambientes domésticos brasileiros não se caracterizam pela intimidade com eles. Nem os apartamentos modernos, oferecidos nos cadernos de classificados dos jornais com dezenas de tentações que vão de saunas a espaços *gourmet* — os quais são ao mesmo tempo sinais de *status* —, têm espaço para estantes de livros. No máximo, acenam com *racks* e *home theaters*. Isso não teria maior importância se nossas bibliotecas públicas fossem muitas, bem distribuídas pela cidade, bem equipadas, atraentes, com horários que não fossem de funcionalismo público e não coincidissem exatamente com a jornada de trabalho de cada um, dificultando a frequência a elas.

Essa falta de reconhecimento da importância da leitura, fruto de uma desconfiança em relação ao livro, é algo muito arraigado entre nós. Gera uma quantidade incontável de equívocos, pretextos para justificar o distanciamento que se procura manter da leitura de literatura, vista como algo quase ameaçador. Um variado elenco de bodes expiatórios.

O principal deles é o preço. É, livro no Brasil é caro mesmo. Por várias razões. Porque os custos são bancados por um número muito pequeno de exemplares, já que as tiragens são mínimas porque ninguém lê. Porque o país tem dimensões continentais e um sistema de fretes e transportes muito deficiente, que encarece tudo. Porque os salários são baixíssimos e eles assumem um percentual elevado, ao lado das despesas essenciais — mas as pessoas tomam cerveja, compram CDs, alimentam com suas compras uma rede de contrabandistas, de camelôs que vendem quinqui-lharias e bugigangas chinesas totalmente dispensáveis. E também porque as compras governamentais de livros exigem preços tão baixos, tão aviltados em seus editais, que os editores se veem obrigados a compensar aumentando o preço dos livros que não estão

sendo vendidos ao governo, para não irem à falência. É no que dá, esse paternalismo de ficar fazendo cortesia com chapéu alheio, como se dizia antigamente. Ou anunciar como realização de governo algo que é bancado por editores, autores e ilustradores, forçados a ceder em níveis inacreditáveis e diminuir a remuneração do seu trabalho. Mas, se fosse verdade que brasileiro não lê porque o livro no Brasil é caro, então as bibliotecas públicas — que não cobram um tostão — estariam cheias de leitores disputando livros, pegando-os emprestados, levando para casa. Já vi filas em bibliotecas no México. Em Oaxaca, por exemplo, onde elas ficam abertas e lotadas até as dez da noite. No Brasil, nunca. Só não vivem às moscas porque os alunos que não têm onde estudar ocupam suas mesas para fazer o dever escolar.

Melhor encarar a realidade. Lê-se pouco no Brasil porque não se acha que ler é importante, não se tem exemplo de leitura, existe a sensação de que livro é uma coisa difícil, trabalhosa, não compensa o esforço. Só se faz obrigado. Um sacrifício penoso, feito andar em esteira de ginástica para cumprir recomendações médicas e perder peso, como já disse alguém em alto cargo, esquecido do mau exemplo que suas palavras vinham consagrar.

No entanto, a realidade cotidiana, ao longo da vida, me ensinou outra coisa. Se é verdade que não é comum que um adulto que nunca leu consiga, de repente, do nada, descobrir as delícias da leitura, também é verdade que não conheço um único caso de criança alfabetizada que, tendo acesso a livros bons e interessantes, deixe de encontrar algum que a atraia muito e, a partir daí, queira ler mais e mais, sem parar. A curiosidade é instintiva. A constatação do encantamento, advinda do alimento da imaginação e do prazer da inteligência em atividade, garante o resto.

Embora só por muito pouco tempo eu tenha trabalhado diretamente com alunos pequenos numa sala de aula, tive outros contatos com crianças — afora as de uma família numerosíssima

e com uma constelação de amigos de todo tipo. Eu tive uma livraria infantil por dezoito anos. Num bairro carioca de classe média, ao lado da Rocinha, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro. Tínhamos lá uma caixa de livros usados, bem baratos, o sebinho — atração segura para qualquer um que quisesse levar para casa uma leitura a preço de banana ou trocada por outro livro. Além de tudo o que podia ler ali mesmo na livraria, sentado a uma das mesinhas ou nas almofadas, sem que ninguém atrapalhasse. No meio desse vasto público, de diferentes idades e histórias pessoais e sociais bem distintas, nunca encontrei uma criança que não se interessasse por algum livro — desde que deixada à vontade numa situação de acesso fácil. As preferências podiam variar, o que uma gostava não era o que outra queria. Mas, com tempo e oportunidade, todas sempre acabavam se sentindo chamadas por algum livro, que as levava a outros.

Por isso, passei a fazer a comparação que não me canso de repetir. Ler é como namorar. Muito gostoso. Quem acha que não gosta é porque ainda não encontrou seu par. Deixe aquele de lado e experimente outro, e mais outro, até sentir prazer, deixando-se levar pelas novas delícias descobertas e exploradas.

Mas as coisas ficam difíceis quando os livros são apresentados aos leitores como dever e obrigação por adultos de tocaia, à espreita, preparados para depois fazer montes de perguntas e cobranças e que não descobriram, eles mesmos, as alegrias e emoções da leitura. Nesse caso, as crianças ficam na defensiva. Paralelamente, para racionalizar, se desculpar e tirar a culpa dos próprios ombros, tais adultos começam então a desenvolver uma série de explicações mambembes que se transformam nas mais mirabolantes hipóteses. Todas contribuem para lançar dúvidas sobre a importância da leitura e insinuar que ler literatura não faz mais sentido hoje em dia.

Não somos originais nisso. Na Itália, durante o governo fas-

cista de Mussolini, foi feita uma reforma educacional que descaradamente propunha dois tipos de educação. Sem disfarces nem máscaras, já que era uma ditadura mesmo... Haveria um ensino mais profissionalizante e técnico, menos exigente, de cunho informativo, para as camadas de menor poder aquisitivo da população. E um ensino mais humanista, clássico, formativo, que incluísse filosofia, literatura e artes, chamado de “educação completa”, destinado às classes mais altas. O objetivo confessado era possibilitar que a base da pirâmide social adquirisse mais rapidamente as ferramentas de trabalho que lhe permitiriam ganhar a vida com seus ofícios. Essas “boas intenções” não enganaram a todos. Na ocasião, um pensador do porte de Antonio Gramsci percebeu muito bem do que se tratava e se rebelou contra essa ideia, denunciando-a. Para ele, era fundamental que todos tivessem assegurado seu direito ao que chamava de “um ensino desinteressado”, capaz de desenvolver nas crianças uma intuição do mundo. Gosto muito dessa expressão dele, porque nos aponta que o outro tipo de ensino é interessado, busca atingir seus próprios interesses. E lembra que tais interesses são parciais e não são justos.

Para Gramsci, uma estratégia clara de justiça passa pela necessidade de dar às classes menos favorecidas os elementos para que elas possam conhecer a si mesmas e se apropriar dos códigos culturais dominantes, a fim de poder se libertar da mesmice repetitiva e do assentimento dócil que caracteriza um rebanho, baseado apenas no sentido comum tradicional, e substituí-los por um espírito crítico inventivo, capaz de argumentar, refutar, discutir e formular seus próprios anseios. E isso só se consegue por meio de uma educação humanista, que pressupõe o contato com as artes, e num contexto em que a literatura desempenhe um papel preponderante. Sem leitura de literatura, tal objetivo não passa de um sonho distante e impossível.

Toda forma de conhecimento é importante e significativa.

Como todas elas, a literatura também tem relevância. Mas, sendo uma arte — e uma arte que utiliza um meio que está ao alcance de todos os indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem —, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar essa percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso.

O poder da literatura para conseguir isso é estupendo, maior que o de qualquer outra forma de conhecimento. Ao se apresentarem como uma construção imaginária, um romance ou um poema têm uma capacidade assombrosa, quase mágica: nos fazem viver outra vida sem que abandonemos a nossa. Ou seja, nos possibilitam estar profundamente no lugar de outras pessoas — os personagens no caso das obras de ficção, como romances e contos, ou os estados de espírito mais difusos não necessariamente encarnados em alguém, no caso de poemas. Outras formas de narrativa — como os filmes ou as telenovelas — também nos dão a oportunidade de imaginar outras vidas e vivenciar outras realidades psicológicas. Mas, como elas nos mostram o que está acontecendo, as oportunidades que nos oferecem para o desenvolvimento da imaginação são mais limitadas. Não apenas sabemos que cara têm os personagens ou em que cenários se movimentam, mas também vamos sendo conduzidos a ver aquilo que o diretor nos mostra. A liberdade que a literatura oferece é de outro tipo e joga sobre nossos ombros a responsabilidade e o prazer de completar a obra.

Na leitura de literatura se estabelece um pacto inconsciente entre o texto e o leitor, em que este é levado a suspender sua

descrença e a embarcar num mundo de outro tipo, numa outra dimensão, que não é a de sua realidade cotidiana mas ajuda a iluminá-la. Depois da leitura, o leitor volta a essa realidade transformado. Tal efeito não se consegue apenas com uma atitude passiva, mas com um trabalho mental e imaginário ativo, intenso, por vezes dificultoso: a atividade intelectual que permite a construção imaginária simultânea de outros roteiros possíveis, paralelos ao que se está lendo.

O escritor argentino Jorge Luis Borges certa vez se referiu à literatura com uma metáfora, dizendo que ela é um jardim de caminhos que se bifurcam. A cada encruzilhada o leitor tem que decidir por onde vai. Vai imaginar aquele personagem com que aspecto? Alto ou baixo? De bigode ou de cara lisa? Às vezes ele já vem descrito com precisão, mas mesmo assim cada leitor lhe dá uma cara diversa. Além do mais, é necessário imaginar seu olhar, suas qualidades, seus defeitos escondidos, suas fraquezas e forças, seu possível roteiro. Que será que ele vai fazer? Essas coisas que ele está dizendo... serão verdadeiras ou ele está mentindo? Num livro como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por exemplo, vou acreditar piamente quando Bentinho nos conta que Capitu o traiu com seu melhor amigo? Ou será possível duvidar da palavra dele e com isso ler outra história, a de um louco que aos poucos vai se convencendo daquilo que imagina mas que não aconteceu? Cada nova frase traz novos caminhos possíveis, novas escolhas imaginárias, novas encruzilhadas.

Outro grande escritor, o italiano Umberto Eco, foi mais adiante. Constatando a multiplicidade infinita de opções apresentadas pela leitura de literatura, desenvolveu a ideia de Borges, sustentando que apenas um jardim não dá conta da riqueza de possibilidades abertas pela literatura. Comparou ler a fazer um passeio pelos bosques da ficção. *Não é um caminho rápido e direto para chegar a algum lugar, mesmo que cheio de desvios possíveis a cada*

encruzilhada. Pelo contrário, é um convite a um certo vagar, em que as bifurcações possíveis de cada trilha se multiplicam (afinal, contornar uma árvore por um lado ou pelo outro já é estar diante das tais encruzilhadas a que Borges se referia, e as árvores de um bosque são incontáveis). Cada detalhe chama nossa atenção para algo inesperado: uma bromélia aqui, um passarinho ali, um bando de borboletas, uma colônia de insetos fervilhando debaixo de um toco, o esqueleto de uma folha seca e desidratada, uma teia de aranha com gotas de chuva etc. É muito fácil nos perdermos no puro prazer. Mas, apesar disso, não nos perdemos. Porque estamos sendo induzidos pela estratégia narrativa do autor, que nos oferece todas essas tentações atraentes e constrói infinitas belezas ao longo do caminho, porém vai nos levando sempre rumo ao seu objetivo, estruturalmente concebido, embutido no texto. Com esse mecanismo em ação, os textos literários por um lado nos dão uma imensa liberdade de irmos para onde quisermos e bem entendermos, enquanto, por outro, nos dão uma segurança inconsciente de que não ficaremos perdidos lá dentro. Podemos experimentar o que quisermos enquanto lemos, mas não vamos naufragar nem nos perder na floresta. Acabaremos chegando a um refúgio.

Esse duplo movimento, de exploração e de construção de sentido, é parte intrínseca da leitura como atividade. Joga com um mecanismo duplo e simultâneo. De um lado, é uma oportunidade de libertação da imaginação com todo o seu potencial, com seu patrimônio de tudo o que existe, existiu ou poderia existir. De outro, é uma busca de sentido, encarna o desejo de alguma unificação lógica daquelas imagens segundo uma intenção racional — como tão bem define Italo Calvino em suas *Seis propostas para o próximo milênio*.

Essa tensão, entre uma tendência expansiva que explode em infinitas possibilidades imaginativas e uma tendência contrativa de elaboração de significados, é a companhia permanente da lei-